

**A LITERATURA COMO INSTRUÇÃO.
UMA LEITURA DE *METÁFORAS DAS FLORES DE SOROR MARIA
DO CÉU***

Fábio Mário da Silva¹

RESUMO: Apesar de seus longos anos de vida e do reconhecimento público de sua obra, pouco se conhece sobre a vida de Soror Maria do Céu (1658-1723) além de que muito cedo optou pela vida monástica. A maioria de suas obras tem por objetivo a instrução de religiosas e este terá sido um dos motivos para que seus textos não tenham sido divulgados, inicialmente, fora do âmbito conventual. Nosso objetivo é fazer uma pequena revista sobre a funcionalidade do texto literário desta escritora-monja que, segundo ela própria, era a de instruir/catequizar. Para cumprir tal propósito, partiremos de uma reflexão em redor de seu texto *Metáfora das Flores*.

Palavras-chave: Soror Maria do Céu; literatura monástica; *Metáfora das Flores*.

LITERATURE AS EDUCATION.

FOR READING OF *METÁFORAS DAS FLORES* BY SOROR MARIA DO CÉU

ABSTRACT: Despite long years of life and public recognition, little is known about the life of Soror Maria do Céu (1658-1723), however it is known that very early she chose the monastic life. Most of her work has the objective to educate the nuns, and this was probably one reason that her texts were not disclosed outside the monastic context. Our goal is to do a little review about the functionality of the literary text by a nun-writer according to Soror Maria do Céu, that function was to catechize, that attitude that became almost an instrument of her life vocation. To accomplish this goal we depart from a reflection upon the text *The Metaphor of Flowers*.

Keywords: Soror Maria do Céu, monastic literature, *Metaphor of Flowers*.

¹ Pós-doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. É doutor em Literatura (com bolsa da FCT - Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal) mestre em Estudos Lusófonos (com bolsa da Comunidade Portuguesa de Pernambuco) pela Universidade de Évora (Portugal). É pesquisador do CNPq, com um projeto intitulado *Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii*, sediado na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra. famamario@gmail.com

Soror Maria do Céu, filha de António Deça e Dona Catherina de Tavora, nasceu em Lisboa, a 11 de setembro de 1658, e se tornou professora aos 18 anos de idade no Convento da Esperança, a 27 de junho de 1676, ocupando, neste espaço, as funções de Mestra das Noviças, Porteira e Abadessa por duas vezes, cargos esses que não a impediram, segundo Diogo Barbosa Machado, de aprofundar seus estudos: “Todo aquelle tempo que lhe restava das occupaens monasticas o consumia na lição dos livros, em que se fez summamente erudita” (MACHADO, 1752, p. 420). Soror Maria do Céu passa então a produzir textos de diversos gêneros, desde poemas, passando por novelas e peças de teatro, até cartas e biografias. Esses textos tanto cumprem uma função didática e pedagógica, dentro de uma cultura monástica, como também possuem um cariz de entretenimento, demonstrando como tais narrativas contribuíram como preceitos instrutivos para uma vida contemplativa e de virtuosidade feminina, isto quer dizer, a literatura como forma de disseminação de ideias.²

Lembremo-nos de que a sua obra mais conhecida, reeditada e referenciada, *A Preciosa*, é ambientada numa amálgama de misticismo idílico, espiritualidade religiosa, honradez monástica e instrução feminina, e que apresenta, segundo Anna Hatherly, “um misto de alegoria moral, novela de corte e novela pastoril” (HATHERLY, 1990, p. 34), atitudes essas que igualmente encontramos em *Metáforas das Flores*, na qual explicitaremos na nossa análise. Este texto é dividido, primeiramente, em pequenas narrativas metafóricas (24 apólogos) que recontam a vivência de várias flores, apresentando, após cada micronarrativa, os comentários sobre as mesmas, interpretando, assim, a sua própria ficção, para que não possam ficar dúvidas em seus leitores ó ou, melhor dizendo, em suas leitoras monásticas, para quem o livro é direcionado, como assim relata Anabela Couto:

² Por isso Anabela Couto ressalta que a autora efetivamente foca, em sua obra, algumas questões existenciais: “A obra de Soror Maria do Céu exprime, de forma particularmente tocante e original, as grandes questões da existência humana: o drama da temporalidade marcada pela transitoriedade e pela mutabilidade, a fragilidade e a gratuidade dos valores terrenos e a busca da transcendência” (COUTO, 2012, p. 23).

Alguns ensinamentos e reflexões morais, visando diretamente um público de religiosas, procedem ao elogio de virtudes, tais como a obediência (II), a castidade (III), o desprezo do mundo (V), a exaltação do amor divino (I), outros reportam-se ao cotidiano conventual: condenam a maledicência (VI) e o ciúme entre as religiosas (XII), ou os amores freiráticos (XXIV). (COUTO, 2012, p. 30)

Além desses temas também podemos encontrar assuntos ligados à vaidade, à soberba, à temeridade, à culpa, à santidade e ao pecado, numa narrativa que procura disciplinar suas leitoras, quase como uma espécie de tratado de conduta, como podemos identificar, por exemplo, na *Metáfora V ó Do Amor Perfeito*, na qual se narra um tipo de flor que não se encontra em campos, montes, bosques, jardins ou fontes, mas apenas em lugares ermos, representação que, para Soror Maria do Céu, desemboca na ideia de recolhimento e solidão, discurso apregoadado pelos mosteiros femininos como um modelo de santidade e retidão: *“Só o acharam no ermo, porque tem retiro. Quem busca ao perfeito Amor, que é o de Deus, não há de buscar entre criaturas; e por isso este senhor dizia à Alma Santa o buscasse na solidão, porque ali lhe falaria ao ouvido”* (CÉU, 2012, p. 50).³ Estas metáforas são conselhos baseados em ensinamentos bíblicos e experiências empíricas de uma monja que quer educar e edificar na clausura outras religiosas e que vê no texto literário a possibilidade de unir à ficcionalidade a instrução e a moral. É o que bem exemplifica a *Metáfora XIII ó Da Clise*, na qual se narra o pedido das flores à Rosa, que é sua senhora e rainha, para que lhes distribua tarefas num dia de festa:

Esta Rosa foi aqui metáfora dos que mandam com discricção, que repartem as ocupações conforme os génios, e desta sorte nenhum erra o seu offício. A Clise contemplativa para as igrejas foi a melhor acomodação, porque a casa de oração é para o que ora, a Igreja é o Céu da Terra, e nela deve estar o católico, como está no Céu o bem-aventurado. (CÉU, 2012, p. 66)

A divisão dos papéis das flores refere-se à função das religiosas dentro de cada mosteiro, numa tentativa de incitar à obediência e humildade das religiosas, tendo em vista que em alguns mosteiros femininos a disputa pelo poder interno gerou diversas problemáticas. Miguel Rêpas, por exemplo, alude ao caso do Mosteiro de Arouca, lugar que por diversas vezes se tornou palco de lutas internas no âmbito da eleição da abadessa, levando alguns

³ Todas as citações da obra *Metáfora das Flores* fazem parte da obra intitulada *Histórias Breves e Admiráveis* de Soror Maria do Céu, organizada por Anabela Galhardo Couto e publicada em 2012.

familiares a interferir violentamente na vida interna da comunidade com o intuito de coagir a decisão das religiosas, como foi o caso de João Álvares Pereira, que adentrou à força no mosteiro com cavaleiros armados, em 1421, e exigiu que impugnassem a abadessa eleita, substituindo-a por outra, a sua filha Leonor Pereira (RÊPAS, 2008, p. 53).

Este tipo de disputas dava-se principalmente entre as monjas eruditas sendo que o domínio da escrita era, em algumas ordens, um privilégio que poucas professoras possuíam,⁴ visto que, como bem atentou Manuel Bernardes Branco, nas ordens femininas portuguesas houve um problema genérico de falta de escolarização, tendo em vista que havia uma grande quantidade de freiras analfabetas, mais do que instruídas (cf. BRANCO, 1888, p. 118-119). Por isso, Soror Maria do Céu alude que cada flor (cada monja) teria uma função específica no seu mosteiro, conforme o seu ofício, que poderia ser determinado por vários fatores, desde uma vocação para o canto, por exemplo, ou espírito de liderança, recomendando-se, pois, a aceitação, por parte de cada monja, da função que lhe fosse atribuída pela abadessa, ali representada pela Rosa.

As flores funcionam como uma espécie de matizes emocionais e figurativos da sociedade,⁵ através de um discurso semântico e simbólico e, por isso, na *Metáfora XX ó Da Viola* se relata a ostentação de algumas flores (Rosa, Jasmim, Junquilha, Açucena) se contrapondo à humildade da Viola, representando assim as vaidades femininas que estariam associadas à derrocada da alma, perigo para a integridade das mulheres:

Elena foi tão formosa que a Glória dos Troianos era morrer por ela; tão bela foi Simiramis que cativara ao Monarca de Assíria com sua graça; Cleópatra tão gentil, que com seus olhos sujeitou em Alexandria ao maior Capetão de Roma; mas como estas e outras muitas que lhe competiram, tratam só da Beleza do Corpo, pela qual afearam as

⁴ Isto tudo acontecia, como bem constatou Antónia Fialho Conde, numa análise deveras acurada sobre toda a documentação do mosteiro cisterciense feminino de São Bento de Cástris, na cidade de Évora, a uma quantidade reduzida de monjas com acesso à escrita, tal cenário se configurando, pois, como forma de manutenção de poder e estatuto, revelando que muitas daquelas participavam do conhecimento através da tradição oral, visto que mais importante do que assimilar o conteúdo era sabê-lo de cor (cf. CONDE, 2009, p. 113).

⁵ É o que acontece também em outra obra da autora, *A Preciosa*, na qual nos deparamos com um cenário (um vale) misto de bosque encantado e de austera imperatividade da natureza densa, que leva a personagem principal, Preciosa, a refletir sobre as virtudes humanas através do contato com a natureza, num ciclo de aprendizagem: *“A natureza adquire então vida e formas humanas para enriquecer as cenas com diálogos e demonstrar que a solidão não existe no bosque”* (SILVA, 2013, p. 180).

suas almas. Se ontem foram estrelas na terra, já hoje são brasas no Inferno. Tratem as formosas de parecê-lo a Deus, que esta sorte honrarão a sua semelhança e de outra maneira afearão a sua imagem. (CÉU, 2012, p. 82)

A beleza feminina aqui condenada entrelaça-se com a ideia de destemperança e demonstra como as mulheres podem ser nocivas até para líderes de impérios. A beleza que seduz está explicitamente associada ao maligno e à corruptibilidade, induzindo à ideia de recato extremo e à purificação do corpo, mas reforçando algumas das culpabilidades históricas associadas ao feminino e às mulheres que surgiram através de alguns mitos fundadores, como sejam as imagens míticas de Lilith, Eva e Pandora.

Já na *Metáfora XXIV* *ó Do casamento do Sol com a Rosa*, descreve-se o abandono do Cravo (representativo do amor humano) pela Rosa para se casar com o divino Sol, numa nítida preocupação com o freiratismo que, no século XVIII, aparenta ser comum. Soror condena veementemente, com esta metáfora, aqueles que ousam cobiçar a mulher do próximo, que, no caso das freiras, será Deus, por isso enfaticamente refere que *ó* Todo aquele que se atreve a pôr os olhos nas Esposas de Deus, merece que lhos tirem *ö* (CÉU, 2012, p. 67). Tal metáfora é construída porque, enquanto abadessa e superiora, Soror Maria do Céu se deparou com casos como estes. Sobre esta problemática, Vanda Anastácio transcreve, na obra *Antologia do Improvável*, uma carta⁶ que seria a resposta que Soror Maria do Céu deu a um pretendente enamorado por uma das suas companheiras de clausura, num texto narrativo em português com pequenos versos em castelhano:

Deixar por mim, a quem queria, porque lhe parece melhor, é dizer-me que só me quererá em quanto não via outra que melhor lhe pareça, que eu. Acho que

nunca ha de haver querido
outra en sua vida

Ser bom para amante um Poeta, é engano; verdade é que tem as suas obras bem medidas as suas acções bem compassadas, as suas palavras muita consonância: Porém se obras são fábulas, as acções loucuras, as palavras floreio, que valem medidas, consonâncias, nem compassos? (CÉU, 2013, p. 444)

⁶ Tal manuscrito se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, cota 2073, fols. 336-342. Não se sabe o paradeiro da carta do pretendente, como alude a nota final desta resposta de Soror Maria do Céu: *ó* Não achei a carta o que diz esta resposta, e sinto, que lendo-a, achamos nesta mais propósito: mas como eu não era seu dono, parece o não guardei *ö* (CÉU, 2013, p. 449).

Podemos observar neste trecho a estrutura ficcional, literária, de sua resposta ao enamorado. Soror Maria do Céu refere que virão outros amores na vida do pretendente e questiona se valerá mesmo a pena a monja deixar ãa quem queriaö, ao esposo divino, com quem as monjas casam espiritualmente aquando de sua entrada no mosteiro. Assim intenciona repreender os comportamentos desviantes, no que concerne a hábitos considerados mundanos.

A ideia de más companhias, que pode levar ãum anjoö bondoso à ruína, se encontra mais fortemente presente no apólogo ãMetáfora XXII ó Dos Azares, e Mal Mequeresö, no qual se descreve como estas duas flores levaram outras a sofrer muitos infortúnios, explicando-se na ãMoralidadeö o seguinte:

Todo o homem traz um Anjo e um demônio em sua companhia; porém que a busca no peccador, traz dois demônios, e um Anjo, porque ao mesmo, que inclina o mau espírito, inclina o mau amigo. [í] Se Lucifer em sendo demônio, fez demônios aos Anjos, que o acompanhavam, sendo Anjos, como não fará o homem vicioso, pecador ao que acompanha sendo homem? O que se chega ao fogo, forçosamente traz do seu calor, o que trata as fragâncias, leva suavidade, o que chega ao lodo, fica com suas manchas, logo como pode o homem comunicar com o peccador, sem que lhe pegue de seus vícios? (CÉU, 2012, pp. 85-86)

Estes conselhos e explicações sobre a relação com as más companhias, além de reforçarem a ideia de vigilância constante de atitudes, implicam valorizar a solidão como postura correta. O vício, o pecado pode vir através da influência de outrem. Ou seja, será que no ambiente conventual seria possível encontrar ãmás companhiasö? Certamente que sim, haja vista que muitas freiras eram obrigadas a professar por familiares e, por isso, efetivamente, nem todas teriam inclinação para aquilo que se considerava um comportamento monacal adequado, visto não se identificarem e nem requererem este estilo de vida. Além disso, nestes espaços encontramos também viúvas, órfãs, mulheres casadas que deixavam por algum motivo os maridos e tinham como acolhimento honroso perante a sociedade apenas os mosteiros, bem como mulheres que cometiam pequenos delitos e eram encaminhadas para estes espaços como punição.

Em suma, nesta obra, as flores cumprem então uma função enquanto elementos de construção ficcional. Apesar de cada tipo flor ter, regra geral, um símbolo próprio, sua principal caracterização simbólica é, segundo Chevalier e Greerbrant, um princípio passivo,

ligado à infância, à espiritualidade, à natureza primordial, a um estado de espírito, à beleza, e a um caráter efêmero da vida (cf. CHEVALIER e GREERBRANT, 1994, pp. 329-330). Soror Maria do Céu vê nestas flores um reflexo de sua própria comunidade monástica, sabendo perceber as divergências e diferenças que encontra no claustro. Por isso é comum encontrarmos em sua vasta obra outros textos que têm as flores, ou ambientes idílicos, como substrato literário para as suas reflexões, como é o caso, por exemplo, de *Sereficações das Flores e Frutos Moralizados, em estillo superior* (manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), *Escarmento de flores* (manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra) e *Enganos do Bosque, Desenganos do Rio* (Lisboa Occidental, Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1736). Não obstante, de acordo com Sara Augusto, nestas vinte e quatro passagens de *Metáforas das Flores* se destacam aspectos significativos no quadro da literatura alegórica barroca, ressaltando ainda o porquê da explicitação das metáforas pela autora:⁷

Em primeiro lugar, ficou patente que a metáfora constitui verdadeiramente o cerne desta vasta produção literária, e especificamente a alegoria moral; que o exercício da analogia procurava os campos mais diversos de aplicação; cultivando o engenho e a agudeza na novidade, na variedade e na complexidade; que o exarcebado gosto pelo jogo metafórico, de que estas breves narrativas são um bom exemplo, podia assumir expressões alegóricas menos claras. (AUGUSTO, 2005, p. 128)

Estes textos de cariz barroco funcionam como exercício de memorização, e como exemplo de instrução e regra de vida, reforçando ensinamentos monacais através da literatura. Estamos diante de um tratado de comportamento social destinado às mulheres do século XVIII, servindo de guia para o seu leitor (leitora), mas, como enfatiza Isabel Morujão, muito dos destinatários dos textos das monjas poderia ser entendido, numa última instância, como desdobramento do próprio eu das religiosas ó quer dizer, daquilo que elas acham correto e conveniente a partir de suas experiências empíricas ó tendo em vista que pouco se escreve sobre o plano institucional da Ordem a que pertenciam (cf. MORUJÃO, 2013, pp. 108-115). Ver no texto ficcional a melhor forma de propagar ensinamentos é acreditar no poder da literatura enquanto elemento transformador do meio, enfatizando a ideia da leitura dos textos

⁷ Traços esses já referidos por Ana Hatherly em relação à obra *A Preciosa* (cf. HATHERLY, 1990, pp. 103-121).

literários como uma fuga à tão temida realidade quotidiana, transportando-se através da sua leitura e fruição para um mundo imaginário, e encontrando neles uma forma de moralizar preceitos da vida religiosa.⁸ Se os jesuítas viam o texto literário como um veículo para transmitir ensinamentos bíblicos e cristãos, Soror Maria do Céu entendia-os como meio de instrução sobre os comportamentos das religiosas, das mulheres enclausuradas. Associar as flores ao comportamento humano é procurar uma referência mais próxima das suas monjas-educandas que poderiam se identificar com estas personagens se projetando nas histórias narradas, o que faria com que refletissem sobre seus próprios comportamentos. *Metáfora das Flores* cumpre assim o papel que deveria ter a literatura, segundo Soror Maria do Céu: uma função pedagógica que, mesmo quando narrada alegoricamente, tem por objetivo a instrução (sem o pesar de normas, leis, recriminações dirigidas diretamente às monjas) sob o viés do lúdico, o que proporcionaria mais regozijo na leitura, tendo como pressuposto a ideia de doutrinar as religiosas, não necessariamente em preceitos das Ordens a que pertenciam, mas de educar para o relacionamento interpessoal nos mosteiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGUSTO, Sara. A multiplicação das fábulas na ficção narrativa de Soror Maria do Céu, *Forma Breve*, Universidade de Aveiro, n. 3, pp. 121-133, 2005.

Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/205/176>. Acesso em 23/10/2014.

BRANCO, Manuel Bernardes. *História das Ordens Monásticas em Portugal*. Vol. I. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888.

CÉU, Soror Maria do. *Histórias Breves e Admiráveis*. Organização e estudos introdutórios de Anabela Galhardo Couto. Perugia: Edizioni dell'Urogallo, 2012.

⁸ Já Maria Vitalina Leal de Matos havia afirmado esta ideia acrescida das seguintes reflexões: «A literatura pode ainda ser evasão, forma de o autor ou o leitor se desligarem dos problemas do quotidiano, da rotina cinzenta e sobrecarregada do dia a dia [í]. Em sentido contrário, a literatura pode conceber-se em função de objetivos morais, sociais, políticos ou religiosos. Uma literatura que se vê como forma de intervenção e transformação da sociedade» (MATOS, 2011, p. 103).

- CÉU, Soror Maria do. Carta da Madre Maria do Céu Religiosa do Convento da Esperança, em resposta a um sujeito que pretendia a correspondência de certa Dona. In: ANASTÁCIO, Vanda (org.). *Uma Antologia Improvável*. Lisboa: Relógio D'água, 2013. pp. 444-449.
- CHEVALIER, Jean e GREERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos, Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. de Tereza Cruz. Lisboa: Teorema, 1994.
- CONDE, Antónia Fialho. *Cister ao Sul do Tejo: o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1576-1776)*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- COUTO, Anabela Galhardo. Introdução. In: CÉU, Soror Maria do. *Histórias Breves e Admiráveis*. Perugia: Edizioni dell'Urogallo, 2012. pp. 7-38.
- HATHERLY, Ana. Introdução. In: CÉU, Soror Maria do. *A Preciosa*. Ed. Ana Hatherly. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1990. pp. 7-123.
- MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana: histórica, crítica e cronológica*. Vol. III. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1752.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa: Verbo, 2001.
- MORUJÃO, Isabel. *Por trás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- RÊPAS, Luís Miguel. O Sagrado e o Profano nos Mosteiros Femininos cistercienses: espaços e ritos. In: SILVA, Carlos Guardado da (coord.). *História do Sagrado e do Profano*. Lisboa: Edições Colibri / C.M. Torres Vedras / Instituto Alexandre Herculano, 2008. pp. 43-56.
- SILVA, Fábio Mário da. *Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas*. Tese de doutorado. Évora: Universidade de Évora, 2013.

Recebido em 20/11/2014.

Aceito em 13/12/2014.